

ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA, UM CIENTISTA BRASILEIRO DO SÉCULO XVIII*

Rosemarie Erika Horch**

RESUMO

O texto reúne informações biográficas de Alexandre Rodrigues Ferreira, cientista brasileiro que trabalhou para a coroa portuguesa. Devido a sua aplicação nos estudos foi indicado pelo governo português para organizar e realizar uma viagem filosófica pela Amazônia, a fim de dar conhecimento das possibilidades econômicas da região. São abordados os seus trabalhos científicos, padecimentos e sucessos obtidos, além do descaço das autoridades para com os resultados alcançados e a dispersão do material científico que reunira.

Unitermos: *Amazônia – biografia – pesquisa científica – recursos naturais*

Reunimos aqui algumas informações biográficas sobre a personalidade excepcional que foi Alexandre Rodrigues Ferreira. Escreve a seu respeito Antônio Loureiro Sousa: “Entre os maiores nomes das ciências naturais, sobressai, como dos mais eminentes, senão o maior de todos, o de Alexandre Rodrigues Ferreira, infelizmente esquecido, dado o silêncio em torno da sua personalidade de verdadeiro sábio.”¹ Foi cognominado por Varnhagen de o Humboldt brasileiro devido a sua vida em prol da ciência e pela obra monumental que deixou, aliás pouco conhecida ainda hoje. No dizer de um outro de seus biógrafos, Agnello Bittencourt, sua biografia seria uma “das mais

(*) Extraído da conferência “A viagem filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira – antecedentes e histórico”, proferida em 3 de outubro de 1988 no Museu Naval e Oceanográfico, Rio de Janeiro, RJ, durante o curso “O descobrimento do Brasil (1500/1800): o espaço geográfico, o homem e a natureza”, promovido por: Serviço de Documentação Geral da Marinha, Fundação Cultural Brasil-Portugal, Clube Naval e SOAMAR-RJ.

(**) Professora Doutora de História e editora da Revista do IEB.

(1) SOUZA, Antonio Loureiro. *Baianos ilustres 1564-1925*. 2. ed. revista e aumentada, Salvador, 1973. p. 35-6.

fáceis de traçar, ao mesmo tempo que uma das mais difíceis de resumir.”²
Vamos tentar.

Nasceu a 27 de abril de 1756, conforme a maioria das fontes biobibliográficas que consultamos. No entanto, Américo Pires de Lima, em seu livro *O Doutor Alexandre Rodrigues Ferreira*, informa ser a data 27 de setembro de 1756. Todos são unânimes em dizer que o nascimento se deu na cidade de Salvador, Bahia. Seu pai, Manuel Rodrigues Ferreira, quis que ele seguisse a carreira sacerdotal, por entender que – cito um trecho do *Elogio ao dr. Alexandre Rodrigues Ferreira* pronunciado por Manuel José Maria da Costa e Sá, em 1818 –:

a influência que os eclesiásticos gozam no geral da sociedade é a maior; diretores das consciências, sabedores das inclinações de cada um, eles têm de abortar mil projetos danosos; de remediar males cometidos; obstar a continuações dos crimes; levar alívio aos desgraçados, acalmando a turbulência das paixões por meios salutares (...).³

Com a idade de 12 anos tomou as ordens menores a 20 de setembro de 1768.

Demonstrando desde a mais tenra idade uma vivaz inteligência, seu pai achou por bem enviá-lo a Portugal, onde chegou em julho de 1770. Em outubro do mesmo ano matriculou-se no primeiro ano do Curso Jurídico da Universidade de Coimbra. Todavia, com a reforma da universidade, que compreendeu mudanças profundas em toda a estrutura dos cursos e das disciplinas, em 1772, Rodrigues Ferreira, deixando de lado as exigências paternas, seguiu seus pendores naturais, entrando para a Faculdade de Filosofia. Dedicou-se com especial afinco à História Natural. Ainda aluno – dois anos antes de terminar o curso – já era *demonstrador* da matéria, atividade essa que exercia gratuitamente. Concluiu o último ano da universidade em 1778.

Embora lhe tenha sido dada a possibilidade de continuar na universidade com uma cadeira de magistério, preferiu outra comissão, cheia de dificuldades, repleta de grandes privações e até com riscos da própria vida. Através de sua participação nessa Comissão, viria prestar relevantes serviços à ciência, ao Estado e ao seu país natal.

Com a finalidade de conhecer as riquezas naturais existentes em suas colônias, seja na África, seja no Brasil, o governo português procurou, através do seu Ministro e Secretário de Estado, Martinho de Melo e Castro (1716-1795) cientistas capazes que pudessem empreender tal viagem e colhessem dela resultados, que preenchessem cabalmente os requisitos do Governo.

Consultado o professor Domingos Vandelli (1753-1816), primeiro catedrático da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, este não teve dúvidas em designar, inclusive com a aprovação da Congregação da mesma

(2) BITTENCOURT, Agnello. *Dicionário amazonense de biografias*. Rio de Janeiro, 1973. p. 48-52.

(3) SÁ, Manuel José Maria da Costa e. *Elogio ao Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira*. In: ANAIS da Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1972. v. 72, p. 13-30.

faculdade, Alexandre Rodrigues Ferreira como a pessoa mais apropriada para dirigir a expedição ao Brasil.

A 15 de julho de 1778, com 22 anos, parte dr. Ferreira para se apresentar em Lisboa. Não se conhecem até hoje os motivos que o retiveram por mais de cinco anos em Portugal. Não os deixou, todavia, passar em branco. Em 10 de janeiro de 1779 recebe o título de doutor. Visita a mina de carvão de pedra de Buarcos, descreve os produtos naturais do Real Museu da Ajuda. Publica vários trabalhos científicos; realiza experiências químicas e físicas como lhe fora destinado pelo Ministro Martinho de Melo e Castro. É eleito sócio-correspondente, em 1780, da recém-fundada Academia das Ciências, a então Academia Real das Ciências. Aproveita também para organizar e reunir a equipe que o acompanhará em sua missão. Entre eles estavam dois desenhistas, José Joaquim Freire e Joaquim José Codina, além de um jardineiro-botânico, Agostinho Joaquim do Cabo, que também seria encarregado das funções de preparador.

Finalmente, a 1º de setembro de 1783 embarcam Rodrigues Ferreira e sua equipe para Belém do Pará, onde chegam a 21 de outubro do mesmo ano. Em sua companhia viajavam também o novo governador e capitão-general das capitanias do Grão Pará e São José do Rio Negro, Martinho de Souza e Albuquerque e Dom Frei Caetano Brandão, bispo designado para as mesmas capitanias, futuro arcebispo de Braga.

Lá chegando, Alexandre Rodrigues Ferreira não se demora muito nesta localidade: a 7 de novembro embarca, à noite, rumo à Ilha Grande de Joanes, como então se chamava a ilha de Marajó, onde estabelece seu quartel-general na vila de Montforte (daqui em diante darei os nomes indicados pelo cientista, mesmo sabendo que alguns mudaram, posteriormente, de denominação), e faz suas incursões nas selvas adjacentes. Passa pela vila de Monsarás, estuda também o rio Arari. Informa em seu roteiro e cronograma da viagem filosófica que empregou os dias a reconhecer os produtos naturais e a extensão da ilha. Constata que as vilas e lugares existentes são em número de nove. O número de habitantes de todas elas, incluída a freguesia de N. S. da Conceição do Arari, é de pouco mais de 5.500 pessoas. Existiam na época 153 fazendas de gado e de cavalos; 3 engenhos de açúcar e 11 "moline-tes" (moendas?) para o fabrico de aguardente de cana.

A 24 de dezembro volta à cidade de Belém. Ordena todo o material recolhido na ilha de Marajó e prepara-se para nova viagem.

A 15 de janeiro de 1784 segue em direção do rio Tocantins, o qual sobe até determinada altura. Diversas vilas são visitadas por ele; vai a Cameté, Baião, Pederneiras e Alcobaça. Retorna à cidade do Pará.

Em seguida, de conformidade com as ordens com que foi instruído pelo Ministério, manda roçar o mato num sítio distante uns 9km abaixo da cidade, a fim de plantar linho de cânhamo.

Por uns 15 dias visita as ilhas adjacentes à barra do Amazonas, quais sejam a das Onças, Guarapiranga, Periquitos, Jutuba, Paquetá, Ilha Nova, Cutijuba e Tatuoca.

Sai, pela quinta vez, da cidade de Belém, a 10 de julho de 1784. Navega sete léguas até sair da baía de Marajó, chegando, ao virar para a esquerda, até a Vila do Conde e mais acima aporta na Vila de Beja. Explora este distrito por nove dias.

De todas estas viagens volta com tanto material que é obrigado a fazer, nesta primeira etapa, cinco remessas a Lisboa.

Enceta agora os preparativos para a viagem ao Rio Negro, tendo o apoio da parte do Governador Martinho de Souza e Albuquerque. À parte da pesquisa científica que interessava de perto a Alexandre Rodrigues Ferreira, não devemos esquecer também que sua missão deveria se submeter à multiplicidade dos interesses da política oficial portuguesa em relação à Amazônia e detectar as necessidades administrativas da região, propondo soluções.⁴ O cientista, embora não se rebelasse contra o papel que lhe fora imposto — o de inspetor colonial —, se queixa da obrigação que lhe tomava a maior parte de seu tempo em detrimento de suas pesquisas científicas. Diga-se de passagem que sua atuação como inspetor foi altamente elogiada, demonstrando muita competência para o cargo.

Parte, a 19 de setembro de 1784 da capital paraense em embarcação especialmente construída para este fim. Segue por diversos canais e baías para passar por Oeiras, pela vila de Melgaço e de Portes e, afinal, entrar no leito fluvial propriamente dito do Amazonas. Vai a Gurupá e de lá a Porto do Moz, na foz do Xingu, entra neste rio e vai até Souzel e ao lugar de Vilariño do Monte. Cruza o Rio Amazonas e ancora em Almeirim perto da foz do rio Paru, subindo este até a Tapera de Belforte.

De 1º de novembro a 9 de dezembro encontra-se entre os rios Guajará e Uruará, na margem direita do Amazonas. Visita por terra a serra de Paitona e todas as imediações daquele distrito. Chega a Santarém, na foz do Tapajós, sobe este até Aveiro. Depois vai a Óbidos, que ele denomina o “Bósforo do rio Amazonas”. Desta cidade, atravessa o rio das Amazonas para a Vila de Serpa onde para um pouco. Vai à foz do rio Madeira; voltando, chega à foz do rio Negro, a 1º de fevereiro de 1785, após mais de quatro meses e meio de viagens. A 2 de março está em Barcelos, a sua segunda base de operações, onde ficará em torno de dois anos. A Vila de Barcelos foi a primeira sede do governo da Capitania de São José do Rio Negro e elevada a vila em 1758. Seu antigo nome era *Aldeia Mariuá*. Também em Barcelos se reuniram, em 1753, os representantes da demarcação dos limites entre os domínios portugueses e espanhóis para a Região Norte.

Depois de um período de descanso e de preparo para a sua próxima expedição, Rodrigues Ferreira parte a 20 de agosto de 1785 para navegar pelo rio Negro e seus inúmeros afluentes, chegando aos limites do domínio português, assinalado pela Fortaleza de São José de Marebitenas, na fronteira com a Colômbia. Teve que vencer inúmeras cachoeiras nos diversos rios navegados. Volta a Barcelos a 7 de janeiro de 1786. Escreve em seu roteiro e cronograma:

Tendo desta forma navegado pelo rio Negro, acima boas 244 léguas sem falar nas que naveguei pelos rios colaterais da sua margem meridional, voltei água abaixo para entrar por alguns outros da margem boreal como foram o rio das Cauburis em que andei 43 léguas no rio Padauri 35 e no Aracá 29,5

(4) MORAIS NETO, Carlos de Araujo. *Introdução à Viagem Filosófica ao Rio Negro de Alexandre Rodrigues Ferreira*. Belém, 1983. p. 18.

(5) CARVALHO, José Candido de Melo. *Viagem Filosófica pelas Capitânicas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá (1783-1793): uma síntese...* Belém, 1983. p. 73.

Era uma região pouco habitada pelos colonos portugueses. Teve vários problemas a vencer, mas o que o prejudicou fisicamente foi ter sido atingido por um raio, que o deixou com o braço direito adormecido, quando esteve na Fortaleza de São Gabriel das Cachoeiras.⁶

Depois de seu regresso a Barcelos ocupa o período seguinte com a elaboração de relatórios, coordena os materiais colecionados, redige memorandos e, provavelmente, algum trabalho científico para publicação futura. Solicita também que lhe seja enviado, assim como a seus companheiros, o pagamento dos ordenados, que há três anos não recebiam. Teve que supervisionar o encaixotamento dos espécimes animais e vegetais e despachar tudo. Ao mesmo tempo prepara a próxima expedição que tem como fim explorar o curso inferior do Rio Negro, o Rio Branco e seus afluentes, conforme instruções do Governador João Pereira Caldas. Parte a 23 de abril de 1786. Descendo agora o Rio Negro, a jusante da Vila de Barcelos, chega à foz do Rio Branco, pelo qual sobe, entrando nos diversos afluentes que se lhe apresentavam. Chega à Fortaleza de São Joaquim no rio Tacutu. Vai a outros rios, mais ao norte, desembarca e marcha a pé até a Serra dos Cristais, levando oito dias. E escreve: "Tendo-me então achado, muito ferido e estropiado, me recolhi à Fortaleza de São Joaquim, onde convalesci de umas febres que me sobreviram (...)".⁷ A 11 de junho, no entanto, parte de novo para ir até a foz do rio Uraricuera e deste para o rio Maracá e depois até o riacho do Caia-caia. E escreve: "Neste lugar onde acabam as gerais do rio Branco se tinham estabelecido os espanhóis quando os expulsou dele o governador Joaquim Tinoco Valente". A 3 de agosto de 1786 recolhe-se de volta à Vila de Barcelos, tendo navegado o rio Branco acima por 131 léguas "sem falar nos seus colaterais". Passa novamente algum tempo em Barcelos, ordenando seu material.

Em março de 1787 foi ao rio Aracá onde se demorou todo o mês.

Em maio do mesmo ano uma parte da expedição vai pelo rio dos Solimões, nome que é dado ao rio Amazonas acima da foz do rio Negro, umas 50 léguas. Tivera ordem para reconhecer os produtos naturais da parte inferior do rio, mas não devia chegar até a vila de Ega, onde se encontravam os espanhóis demarcadores dos limites. Voltou a Barcelos em 7 de agosto. E escreve em seu retorno: "o ano que decorreu até agosto de 1788 em que parti para o rio Madeira, empreguei a fazer por terra várias excursões botânicas e zoológicas, senão também algumas produções geográficas e hidrográficas de todas as sobreditas (...)".⁸

Aproveita também para preparar e enviar o material coletado, escrever seus diários e memórias. Foi, no dizer de José Candido de Melo Carvalho, em sua excelente síntese da viagem filosófica, "a etapa mais produtiva de sua viagem, já que de Barcelos foram enviadas 23 memórias, 4 diários (o do Rio Negro com 14 participações), 2 descrições, 1 extrato, 1 tratado histórico, 1 notícia, 1 mapa, remessas de material e 1 de amostras de madeira".⁹

(6) Idem. Ibidem. p. 11.

(7) Idem. Ibidem. p. 72.

(8) Idem. Ibidem. p. 73.

(9) Idem. Ibidem. p. 12.

Todavia, é neste período que recebe uma advertência do ministro Martinho de Melo e Castro pelo tempo expendido para percorrer o rio Negro, pelos poucos exemplares enviados e inclusive pela permanência de quase um ano em Belém! Rodrigues Ferreira ficou desapontado, primeiro por não ter sido chamado de volta como havia sido combinado, segundo, pelo montante de material que já enviara, informando que os desenhistas haviam feito 400 aquarelas em três anos. O Professor Melo Carvalho destaca ainda a humildade, dedicação e cumprimento do dever, bem como a estima e a admiração devotada pelo cientista para com a pessoa do Ministro de Melo e Castro.

A 27 de agosto de 1788 sai então de Barcelos para explorar o rio Madeira numa viagem prevista para oito meses, que, no entanto, levou 13 meses. Essa expedição foi das mais sacrificadas e vejamos por quê.

Ao partir, levava 6 canoas grandes e 6 menores. Iam nelas soldados, remadores, carregadores, caçadores, cozinheiros e serventes (entre eles 200 índios, sendo 118 remadores). Levavam também 500 alqueires de farinha (1 alqueire do Pará corresponde a 30 quilos, portanto 15.000kg).

Ele sobe o rio Madeira, passa por Borba, explora os rios Aripuanã, Araras, Manicoré e outros menores. Damos agora novamente a palavra a Rodrigues Ferreira:

Vencida mais 57 léguas de distância que ocuparam as 12 cachoeiras do rio chamado da Madeira, cheguei com 243 léguas de caminho à foz do rio Beni (que é o verdadeiro Madeira), entrando pelo rio Mamoré (...) da foz do Beni até a confluência do Mamoré com o rio Guaporé, em cujo espaço venci mais 5 cachoeiras; da foz do Guaporé, até o Forte do Príncipe da Beira; do dito Forte (...) à Vila Bela, Capital de Mato Grosso, onde cheguei a 3 de outubro de 1789 com 487 léguas de viagem desde a foz do rio da Madeira, e 592 desde a vila de Barcelos.¹⁰

Vila Bela foi, na época, a capital de Mato Grosso, suplantada posteriormente por Cuiabá, quando da criação da Província de Mato Grosso. Hoje em dia nem traz mais o título de cidade e figura nos mapas com o nome de Mato Grosso. Alexandre Rodrigues Ferreira sofreu nesta viagem

as maiores vicissitudes à medida que subia o Madeira. Começaram as dificuldades com a deserção dos tripulantes índios, temerosos de encontro com os ferozes Munducurus, senhores da região, que chegaram a atacar a caravana duas vezes. Reduziu-se o número daqueles outros à quase metade, ao serem explorados pequenos tributários (Anhangatiry, Mataurá, Manicoré) da caudal principal. Mais adiante, fortes empecilhos surgiram ao defrontar-se a expedição com cinco grandes cachoeiras do Madeira, quando as embarcações tiveram que ser transportadas por terra.

Róidos de impaludismo maligno, adoeceram todos nesse percurso: Alexandre Rodrigues Ferreira e o desenhista Freire,

(10) Idem. Ibidem. p.74.

ardendo em febre e tiritando, estiveram à morte. O último a baixar ao leito, o jardineiro-botânico Agostinho Joaquim do Cabo, chegou a Vila Bela em tão mísero estado que veio a falecer seis dias depois.¹¹

Devido a todas essas dificuldades é que existe pouquíssima documentação. O trabalho mais importante que se tem desta expedição é o *Diário da viagem ao rio Madeira*. Fora do conhecimento dos cursos de diversos rios e a localização de 40 espécies de palmeiras, a flora, a fauna e os habitantes da região por onde passaram não foram objeto de estudos mais aprofundados.

Vila Bela ficou sendo a sua terceira base de operações. Após merecido descanso e recuperação, onde inclusive recebe correspondência do Ministro Martinho de Melo Castro, em que este o elogia pelo bom emprego de seu tempo nas viagens que tinha feito até então, o cientista parte em 25 de fevereiro de 1790 em jornada por terra até a serra de São Vicente, visitando todos os arraiais e cada uma das lavras de ouro que havia na região.

A 28 de junho dá início a sua jornada por terra para a Vila de Cuiabá. No caminho é informado da existência de uma maravilhosa gruta, a das Onças. Escreve ele:

Pus-me a caminho para ela no dia 14 [de julho] e tendo marchado a pé todo aquele espaço sempre entre matos e rochedos, cheguei à dita gruta que examinei e descrevi; voltando da dita gruta me sobreveio uma pernicioso [moléstia], com a qual me recolhi ao arraial de Lavrinhas (...).¹²

Em setembro chega à Vila de Cuiabá.

Depois de algumas excursões menores parte, por via fluvial, a 17 de março de 1791 de Cuiabá, pelo próprio rio Cuiabá, desce pelo São Lourenço, vai ao rio Paraguay, visita o Forte de Coimbra. A 12 de abril sobe de novo o rio Paraguay, visitando algumas lagoas e segue pelo rio Jauru. Nessa viagem perde outro companheiro que partira com ele de Portugal, é o desenhista Joaquim José Codina.

Regressa a Vila Bela em 26 de junho. Depois de passar ainda alguns meses nesta cidade, em que prepara alguns trabalhos e remessa dos materiais, retorna a 3 de outubro a Belém, levando apenas três meses e meio na volta (12 de janeiro de 1791). Seu pedido de licença para visitar os parentes na Bahia foi-lhe negado.

Em Belém fica consternado ao saber que nada foi pago ao Capitão Luis Pereira da Cunha, pessoa de sua confiança e que tinha por encargo remeter o material que o cientista ia recolhendo na selva amazônica. E, diz-se que, tendo ouvido o dito "senhor que com tal despesa teria podido dotar uma filha", Alexandre lhe retrucou: "Isso não servirá de desembaraço a seu casamento; eu serei quem receba essa sua filha por mulher". E assim casou aos

(11) FALCÃO, Edgard de Cerqueira. *Viagem filosófica às Capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá*. São Paulo, 1970. v. 1, p. VI.

(12) CARVALHO, José Candido de Mello. Op. cit. p. 75.

36 anos de idade com Germana Pereira da Cunha e Queiroz, em 16 de setembro de 1792.¹³

A 15 de outubro de 1792 embarca, afinal, de volta a Portugal, lá chegando a 12 de fevereiro de 1793. Foi muito bem recebido pelo Ministro Martinho de Melo e Castro, seu protetor por todos estes anos e que o nomeia Oficial da Secretaria d'Estado dos Negócios da Marinha e dos Domínios Ultramarinos. A 8 de julho do ano seguinte (1794) recebeu da rainha D. Maria I a Ordem de Cristo com uma renda de 60 mil-réis de tenças (pensão periódica que alguém recebe do Estado ou particular para seu sustento) e mais 12 mil-réis para o hábito da Ordem. Posteriormente, foi dispensado do cargo de Oficial da Secretaria d'Estado e nomeado administrador interino do Real Gabinete de História Natural e Jardim Botânico de Ajuda com seus anexos. Pela sua formação e suas atividades científicas foi nomeado a 11 de setembro de 1795 para o cargo de vice-diretor do Museu de História Natural.

Procurou então por em ordem todo o acervo que enviara no decorrer dos anos que estivera no Brasil, pois, ao chegar, verificou que aquilo que havia mandado estava com etiquetas trocadas e os desenhos de animais e plantas deteriorados. Esta desordem foi atribuída ao naturalista Mattiosi, assistente de Domingos Vandelli, invejoso dos sucessos do cientista. Todavia, pior que esta perfídia foi a consequência da invasão de Portugal pelas tropas francesas em 1808. Inicialmente, houve a intenção de enviar Etienne Geoffroy de Saint-Hilaire para estabelecer permuta entre os Museus de História Natural de Paris e os da Ajuda. No entanto, e damos aqui a palavra ao sr. Melo Carvalho que tão bem soube descrever o que aconteceu:

Apesar desse início cheio de boas intenções, a realidade foi bem outra. O naturalista francês fez uma autêntica limpeza, levando com ele tudo que era de valor (espécimes, manuscritos e estampas). Esse esbulho fez com que o estudo das ciências naturais sofresse descontinuidade que durou vários anos.¹⁴

Foram, inclusive, levados materiais que se encontravam ainda "encaiotados, intocados e sem estudo desde a chegada a Portugal".

O material foi estudado pelos cientistas franceses, sem, contudo, mencionarem o nome de quem o havia coletado; somente figurava nas estampas, que se publicavam, a anotação "presente do Museu de Lisboa".

Após sucessivas reclamações, apenas os manuscritos foram devolvidos. Mas isto só se deu após a derrota de Napoleão na Batalha de Waterloo (18 de junho de 1815) e a conclusão respectiva do tratado de paz com a França ainda no mesmo ano de 1815.

Nesta altura, Alexandre Rodrigues Ferreira já havia falecido (23 de abril de 1815), aos 59 anos de idade, após longos anos de distúrbios psicológicos.

Todavia, nem após sua morte, seus trabalhos tiveram sossego para serem compulsados pelos estudiosos. Oferecidos os manuscritos pela viúva de Rodrigues Ferreira ao Real Museu da Ajuda foram transferidos, em 1838, para

(13) Idem. Ibidem. p. 14.

(14) Idem. Ibidem. p. 17.

a Academia das Ciências de Lisboa a fim de ser examinada a possibilidade de publicação. No entanto, maus fados acompanhavam este espólio: em 1842-43

foram cedidos pelo Governo Português ao Brasileiro, com o compromisso deste último de mandá-lo imprimir condignamente; foi encaminhado para cá aos cuidados de nossa Legação em Portugal (...). Inacreditável o que se seguiu a essa cessão. Quase 20 anos depois, isto é, em 1861, conforme revelação do naturalista português Carlos França, (...) deparou o eminente zoólogo Barbosa du Bocage [com] dois volumes contendo preciosas aquarelas da expedição em tela, *originais*, em poder de uma mulher, em Lisboa. (...) O material enviado para o Brasil sofreu, por sua vez, incrível descaminho. Passaram os inéditos, em sua quase totalidade, às mãos de colecionadores particulares.¹⁵

Só em 1873, com as pesquisas realizadas por Alfredo do Vale Cabral, então funcionário iniciante na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, conseguiu-se a recuperação dos preciosos apógrafos para a própria Biblioteca Nacional. Alguns dos trabalhos e desenhos já foram publicados, mas ainda há muito que fazer. Existem volumes prontos para a impressão, mas a crônica falta de verbas impede a sua publicação.

Os resultados científicos desta expedição foram de nívéis variados, isto porque, a educação recebida por Rodrigues Ferreira na Universidade de Coimbra não tinha a abrangência de outras faculdades européias. Assim, em suas anotações antropológicas, ele menciona diversas tribos que viviam às margens dos rios por ele percorridos, mas eram, em geral, índios aldeados por missões religiosas e de certa forma aculturados. Não procurou visitar especificamente tribos em seu ambiente natural. Emílio Goeldi lamenta esta oportunidade perdida e desabafa:

Se se pensa na magnífica ocasião que teve A. Rodrigues Ferreira de aprofundar mais as pesquisas sobre etnografia e antropologia amazônicas, ainda como contemporâneo de tantas tribos das quais não se sabe absolutamente nada e das quais nunca mais há de se saber coisa alguma – quem não lastimará tamanha loucura e quem não se sentirá entristecido pela esdrúxula complicação de deveres imposta ao nosso viajante, que perdeu seu tempo em verificar o estado dos panos de linho dos altares, o número das campainhas existentes, a importância da dívida dos colonos com a fazenda real e a categoria civil e militar dos que em cada embarcação entravam nos portos de Barcelos e do Pará?¹⁶

(15) FALCÃO, Edgar. de Cerqueira. Op. cit. p. VII.

(16) GOELDI, Emilio A. *Alexandre Rodrigues Ferreira*. Brasília, 1982. p. 53.

Foi na área da Geografia que nos proporcionou mais significativos dados: de acidentes geográficos, construções nas vilas e aldeias visitadas, informes sobre a agricultura e comércio existentes e da existência de produtos manufaturados nos locais. Quando sentia necessidade, também apresentava detalhes históricos. Todavia, não elaborou, ao que se sabe, nenhum mapa topográfico das regiões por ele visitadas.

Embora a Zoologia pareça ter sido seu campo de predileção, tanto esta parte como a parte referente à Botânica não chegaram a ser do mesmo nível que os estudos apresentados das viagens feitas por Alexander von Humboldt, Friedrich Philipp von Martius e Johann Baptist von Spix.

A documentação iconográfica, que ainda será estudada, é das mais importantes. As reproduções de cachoeiras, de objetos diversos de uso diário dos indígenas são tão valiosas quanto as feitas pelo arquiteto Antônio Giuseppe Landi (1713-1791) a respeito de Belém e outras vilas menores. Foram estas incluídas na "Viagem filosófica", embora Landi não fizesse parte da mesma. As reproduções de indígenas foram as únicas estampas para a sua época. As que trazem os animais são fiéis, mas não guardam as devidas proporções. No dizer de Emílio Goeldi, "falta da verdadeira fidelidade e precisão científica. (...) documenta-se também nas posições que ora são infelizes, ora de todo erradas".¹⁷

Apesar destes senões, a obra de Alexandre Rodrigues Ferreira é verdadeiramente ciclópica. Em sua viagem filosófica de nove anos e três meses de duração acumulou tanto material que daria para uma plêiade de cientistas trabalhar com ele durante alguns anos. O que se vê, no entanto, e a história o confirma: Rodrigues Ferreira trabalhou incansavelmente, sofreu inúmeros percalços, injustiças, doenças e o material, até hoje, não foi utilizado em seu todo.

As notícias que Alexandre Rodrigues Ferreira nos deixou são, em muitos casos, as únicas que nos restam daquela época. As informações a respeito das vilas e de suas manufaturas e agricultura são preciosas fontes de um tempo que passou. Dos silvícolas ficamos sabendo quais existiam naquela época.

Parece-nos natural que o cientista tenha tido problemas psicológicos, após tanta fadiga desperdiçada. Ele foi um homem ignorado já em seu tempo, conhecido apenas por um limitado círculo oficial de Lisboa. Custa a acreditar que os 39.372 quilômetros aproximadamente percorridos por Rodrigues Ferreira não tenham sido aproveitados de melhor maneira. É "um grande exemplo do trabalho nulificado", conforme as palavras de Sílvio Romero.¹⁸

Poderíamos classificar Alexandre Rodrigues Ferreira como um mártir da ciência. E faço minhas as palavras do prof. Melo Carvalho:

(17) Idem. *Ibidem*. p. 73.

(18) ROMERO, Sílvio. *História do Brasil ensinada pela biografia de seus heróis*. Rio de Janeiro, 1890: p. 61.

De qualquer forma, me sinto abalizado para manifestar minha admiração pelo imenso esforço que realizou, pela dedicação inextinguível no cumprimento de sua missão, pelo seu estoicismo e pelas amarguras sofridas. Tamanho esforço e dedicação permanecerão através dos tempos como um marco, ou melhor, a saga de um brasileiro a serviço de Portugal durante trinta e sete anos de sua vida como naturalista e cidadão.¹⁹

Recebido em 12 de dezembro de 1988.

ABSTRACT

The text contains biographical information about Alexandre Rodrigues Ferreira, a Brazilian scientist that worked for the Portuguese crown. Because of his dedication to his studies, the Portuguese government called him to organize and undertake a philosophical trip through the Amazonian region in order to evaluate its economic possibilities. It is made an approach of his scientific works, the obstacles he faced and his successes, as well as the authorities lack of preoccupation with the scientific material he collected and the fact that it has become scattered.

Key-words: Amazon region – biography – scientific research – natural resources

(19) CARVALHO, José Candido de Melo. Op. cit. p. 66.